



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Apresentação

Ulisses Razzante Vaccari

**Como citar:** VACCARI, U. R. Apresentação. *In:* VACCARI, U. R. (org.). **Arte & Estética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 9-14.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-004-7.p9-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## APRESENTAÇÃO

A estética e a filosofia da arte constituem dois campos de estudo em constante expansão no Brasil, tanto do ponto de vista dos estudiosos, intelectuais autônomos e professores universitários, como do ponto de vista do grande público. Nota-se um interesse crescente por estudos sobre a arte e o fenômeno artístico, numa busca por uma explicação dos rumos que a estética, a filosofia da arte e a crítica de arte tomaram a partir do século XX, em conjunto com as transformações sofridas pela arte.

As características da estética e da filosofia da arte contemporâneas, entretanto, só podem ser plenamente compreendidas a partir da referência à história, tanto dos discursos estéticos e filosóficos como da própria arte. É imprescindível para o estudioso da estética e da arte contemporâneas investigar as condições do surgimento da disciplina da Estética nos séculos XVII e XVIII, de modo a poder avaliar com <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-004-7.p9-14>

propriedade as transformações sofridas tanto pelo discurso filosófico como pela arte a partir do século XIX, transformações estas que determinam historicamente a arte e a Estética, tal como as compreendemos hoje em dia.

Enquanto disciplina filosófica, a Estética, muito embora tenha nascido no século XVIII com Alexander Gottlieb Baumgarten (1714–1762), constitui um campo vasto de investigações filosóficas sobre a arte e o fenômeno do belo desde Platão e Aristóteles. Esses dois autores figuram como os primeiros a tentar compreender filosoficamente a beleza (artística e natural), em investigações que transcendem as impressões empíricas particulares dos fenômenos da natureza, bem como as das próprias obras de arte. Ao longo dos séculos, muitos foram os esforços de diversos pensadores em torno dessa não fácil tarefa, que, em última instância, procurou responder às questões: O que é o belo? Há diferenças no modo como a beleza se manifesta na natureza e na arte? O que permite diferenciar a manifestação artística bela em contraposição aos discursos científicos?

A partir do início do século XIX, entretanto, a Estética, entendida como um discurso filosófico sobre a sensibilidade em geral, sofre severas críticas, principalmente com Hegel e a partir dele. Segundo o filósofo alemão, a modernidade, essencialmente reflexiva, já não pode mais desfrutar de uma relação imediata com a sensibilidade, imediatez que marcou e constituiu a cultura grega nos tempos áureos da humanidade. Marcado pela cisão entre a sensibilidade e o pensamento, o homem moderno apenas pode se referir aos objetos belos de forma mediata, isto é, *por meio* do pensamento. Por esse motivo, a Estética, cujo termo provém do grego *aisthesis* e designa a sensação sensível, já não constitui na modernidade tardia o discurso e a forma mais apropriados para se falar do belo e da arte em geral. Em seu lugar, a modernidade, segundo Hegel, instituiu a Filosofia da Arte, isto é, um discurso filosófico e reflexivo sobre o Belo, o qual, devido a essa condição, encontra-se inacessível enquanto tal, podendo ser recuperado apenas como Ideia.

A partir desse momento, marcado pelo declínio da Estética e pelo alvorecer da Filosofia da Arte, começou a se especular acerca do

fim da arte, tese deduzida das linhas gerais do pensamento de Hegel. Em curtas palavras, o argumento segue no sentido de que o homem moderno, essencialmente reflexivo, não teria mais sentido para o Belo enquanto tal, mas somente para a Ideia do Belo. A modernidade, nesse sentido, ao contrário dos gregos, constitui a época da filosofia por excelência, isto é, uma época em que toda a relação com os objetos sensíveis, sejam artísticos ou não, é precedida e antecipada pela *reflexão* sobre o objeto. Independentemente dos meandros da argumentação hegeliana, a pergunta que se começa a fazer a partir do século XIX transforma-se na pergunta acerca da possibilidade da arte nos tempos modernos.

A questão do fim da arte, assim, inunda o século XX e até hoje chama a atenção de filósofos contemporâneos, como é o caso do pensador norte-americano Arthur Danto, conhecido pelos seus ensaios *Após o Fim da Arte* e *O Descredenciamento Filosófico da Arte*. Em sua argumentação, procura defender, de um modo geral, a ideia de que, desde o seu nascimento e fortalecimento com Platão, a Filosofia buscou ao longo de sua história descredenciar a arte em sua tentativa própria de se aproximar da verdade. Caracterizada como um discurso totalitário, a Filosofia almeja se constituir historicamente como o discurso dominante mais apropriado para refletir sobre a verdade e o ser, tese que procura se constituir como herdeira do discurso hegeliano do fim da arte e dar continuidade a ele nos tempos atuais.

Em todo caso, é consenso hoje em dia que a concepção hegeliana não deve ser interpretada dogmaticamente. A concepção do fim da arte em Hegel passou a ser vista como o sintoma de uma transformação radical operada no interior da arte de um modo geral, sentida sobretudo a partir do início do século XIX. Tal transformação refere-se ao declínio do conceito de *obra*, perceptível no campo prático principalmente no século XX, com o advento das vanguardas artísticas, dentre as quais as mais conhecidas são o surrealismo, o dadaísmo e o cubismo. Todos esses casos demonstram um esforço conjunto no sentido de transformar radicalmente o modo tradicional de se fazer arte, bem como o julgamento do fazer artístico. Se, antes, a arte era indissociável do conceito de obra, espécie de ponto privilegiado para a contemplação das esferas harmôni-

cas elevadas, como na estatuária grega ou na pintura medieval, agora, a arte assume outras formas de apresentação, bem como se posiciona de modo claramente combativo em relação ao *status quo*. Em oposição ao microcosmos harmônico da obra, predomina na arte contemporânea o efeito do choque e o conflito.

Marcada pela experiência niilista da Primeira Guerra Mundial e pelo surgimento das grandes metrópoles, a arte contemporânea já não poderia partir dos mesmos pressupostos da arte tradicional. Fez-se necessário a partir de então uma arte que falasse aos novos indivíduos, às grandes massas urbanas, constituídas em sua grande maioria de proletariados e assalariados, bem como de uma nova burguesia. A essência filosófica dessas novas manifestações, que pretendiam romper com a noção tradicional de obra de arte, ganhou expressão sobretudo com a filosofia de Walter Benjamin. A partir de sua clássica distinção entre arte aurática e arte exibível, entre valor de culto e valor de exibição, Benjamin procurou pensar os desafios da nova arte a partir de seu conceito central de reprodutibilidade técnica, trazido à baila não apenas pela experiência das vanguardas, mas principalmente pelo advento da fotografia e do cinema.

A partir desse momento, tratou-se de pensar as transformações ocorridas no interior da arte como resultado do desenvolvimento técnico da reprodutibilidade, fenômeno que abalou consideravelmente a arte tradicional em sua ligação originária com o culto da divindade. Ao se tornar reprodutível, a arte perde suas características de originalidade e unicidade, o que a força a sair do âmbito elitista no qual forçosamente circulava desde os tempos da Grécia antiga. Com o cinema e a fotografia, a arte atinge finalmente as massas, que lotam as salas de cinema para assistir aos filmes de Eisenstein, Fritz Lang e Chaplin. Tornando-se reprodutível e passando a reproduzir o real, a arte se reconecta com seu papel político, perdido ao longo do século XIX com a arte burguesa, autônoma e desligada dos âmbitos concretos da vida. O modo como essa negação se iniciou com as vanguardas e a avaliação de seu sucesso nessa empreitada constituiu o motivo central da *Teoria da Vanguarda*, célebre livro de Peter Bürger, tornado um clássico da estética e da teoria da arte no século XX.

A partir da radicalização do princípio vanguardista, principalmente com Marcel Duchamp, o grande desafio da Filosofia da Arte consiste, atualmente, em pensar os limites e as fronteiras da arte mais recente, já que, após 1960, a arte implodiu de forma radical todo critério utilizado até então para separar a arte da não-arte. A partir do momento em que Duchamp chamou de arte um mictório invertido ou em que Andy Warhol caracterizou como arte suas famosas caixas de sabão *Brillo*, a grande questão a ser respondida pela Filosofia e pela Crítica de arte recentes passou a ser: o que define afinal a arte? O que separa uma manifestação artística de outras formas de expressão e de conhecimento?

\* \* \*

O presente livro reúne os trabalhos apresentados no *Colóquio Arte & Estética*, realizado em Florianópolis – SC, em abril de 2017, com apoio financeiro do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina e da Secretaria de Arte e Cultura da mesma instituição. Procurou-se, no referido evento, refletir sobre as questões gerais da Estética e da Filosofia da Arte descritas acima, das formas mais variadas e desde pontos de vista os mais distintos. Os ensaios aqui constantes foram elaborados a partir das palestras apresentadas na ocasião por especialistas na área de Estética, Letras, Cinema, Teatro, Filosofia e Crítica de Arte. Por meio desses textos, o livro traz para o debate questões atuais e históricas, todas elas girando em torno da relação entre arte e pensamento, manifestação artística e estética, arte e filosofia da arte. Por esse motivo, optou-se pelo título geral *Arte e Estética*, que procura dar conta da abrangência de todos esses temas e relações. As contribuições, nesse sentido, se aproximam todas desse tema desde pontos de vista os mais variados, seja partindo da análise de uma peça específica de teatro ou de um filme em particular, seja partindo de sistemas filosóficos consagrados, como os de Kant e Hegel ou de uma relação com a psicologia e a psicanálise. Os textos, em todo caso, dialogam entre si ao tratarem todos da relação entre arte e pensamento ou arte e

estética, considerada o núcleo das disciplinas de Estética e Filosofia da Arte de uma forma geral.

O livro está dividido em cinco grandes partes: **I – Arte e Ficção**, com os ensaios de Celso Reni Braida (UFSC) e Débora Pazetto Ferreira (CEFET – MG), que procuram debater, em linhas gerais, as relações entre arte, ficção e tecnologia; **II – Estética, Teatro e Cinema**, com os textos de Maria Aparecida Barbosa (UFSC – Letras), Ubirajara Rancan de Azevedo Marques (UNESP – Marília) e Pedro Duarte de Andrade (PUC – Rio), relacionados com a linguagem teatral e cinematográfica e sua relação com conceitos centrais da filosofia; **III – Estética Contemporânea**, com as contribuições de Ricardo Fabbrini (USP), Daiane Eccel (UFSC) e Nazareno Eduardo de Almeida (UFSC), girando em torno de questões próprias da contemporaneidade em sua relação com a estética ou o fazer artístico; **IV – Estética Alemã**, com os textos de Arthur Grupillo (UFS), Giorgia Cechinatto (UFMG), Vladimir Vieira (UFF), Sílvia Faustino (UFBA) e Pedro Galé (USP), nos quais se discutem questões clássicas da estética e da filosofia da arte de origem teutônica; **V – Estética Francesa**, com as contribuições de Carolina de Souza Noto (UFSC) e Abrah Andrade (UFPB), as quais giram em torno de temas específicos de autores de origem francesa, como Foucault e Derrida.

Por fim, gostaria de registrar aqui os sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSC, à Secretaria de Cultura da UFSC, que apoiou a realização deste livro, ao Norton Gabriel Nascimento, doutorando do Departamento de Filosofia da UFSC, pela revisão e pelo trabalho de padronização dos textos aqui coligidos e ao professor doutor Ubirajara Rancan de Azevedo Marques, pela mediação com o Laboratório Editorial, da Unesp – Marília, que tornou possível a publicação do presente volume.

Ulisses Razzante Vaccari  
*Professor do Departamento de Filosofia da UFSC*

PARTE I  
ARTE E FICÇÃO